



**EIXO TEMÁTICO:**

- |  |   |  |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade             | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania          |
| <input checked="" type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade      | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade        |   |  |

## **Desigualdades socioespaciais e organização territorial na Região Metropolitana de São Paulo**

*Socio-spatial inequalities and space organization in the Metropolitan Region of São Paulo*

Desigualdad socio espacial y organización territorial en la Región Metropolitana de São Paulo

PASTERNAK, Suzana (1);

BÓGUS, Lucia Maria Machado (2)

(1) Professora Titular, Universidade de São Paulo, FAU-USP, São Paulo, SP, Brasil; email: [suzanapasternak@gmail.com](mailto:suzanapasternak@gmail.com)

(2) Professora Titular, Depto. de Sociologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; email: [lubogus@uol.com.br](mailto:lubogus@uol.com.br)

## **Desigualdades socioespaciais e organização territorial na Região Metropolitana de São Paulo**

*Socio-spatial inequalities and space organization in the Metropolitan Region of São Paulo*

*Desigualdad socio espacial y organización territorial en la Región Metropolitana de São Paulo*

### **RESUMO**

Esta comunicação apresenta os resultados de pesquisa do Observatório das Metrôpoles de São Paulo sobre padrões de apropriação e segregação socioespacial na metrópole paulista entre 1999 e 2010. A partir de metodologia desenvolvida pela rede Observatório das Metrôpoles, discute a tese do surgimento de um padrão de urbanização vinculado à reestruturação produtiva em nível mundial, que teria provocado uma dualização social, aumentando a pobreza urbana e os contornos da segregação espacial. Observou-se que a estrutura sócio-ocupacional manteve sua diversidade ao longo das últimas duas décadas estudadas, mas apresentou forte incremento de trabalhadores do terciário, grande aumento dos profissionais de nível superior, perda de ocupações de escritório, perda de dirigentes, perda dos trabalhadores das indústrias moderna e tradicional, ganho entre operários dos chamados serviços auxiliares e dos ocupados do terciário não especializado. Essas mudanças na estrutura social foram acompanhadas por algumas alterações no padrão socioespacial, embora a impressão geral é que o velho padrão “mancha de óleo” ainda é dominante, com os tipos superiores se localizando em áreas centrais, circundados pelos hierarquicamente inferiores, primeiro os médios, depois operários e por fim, populares e agrícolas. Refuta-se, assim, o surgimento de um novo padrão de urbanização. O histórico modelo núcleo-periferia ainda organiza o espaço metropolitano, embora algumas diferenças possam ser apontadas, conforme explicita o artigo.

**PALAVRAS CHAVE:** Desigualdade, Organização Territorial, Região Metropolitana de São Paulo

### **ABSTRACT**

*This article presents the results of a research of the Observatory of Metropolis of São Paulo about patterns of appropriation and socio-spatial segregation in the metropolis between 1999 and 2010. Following the methodology developed by the national network Observatory of Metropolis, it discusses the thesis of a new urbanization pattern linked to the global productivity restructuring, that provoked an increase of the social dualization, increasing the urban poverty and the spatial segregation. There was noticed that the socio-occupational structure keeps its diversity during the last decades. Nevertheless it was noticed a strong increment among the tertiary workers and the superior level professionals, loss in the white collars and the entrepreneurs, decrease among manufacture workers, either in the modern section as in the traditional one, increase in the so-called auxiliary services workers and in the non specialized workers. The changes in the social structure were linked by some changes in the socio-spatial pattern. However, we notice the maintenance of the old “doughnut form”, with higher social classes living in the most central areas, following by the middle classes, the proletariat, the popular classes and in the end the agricultural people. The historical model centre-periphery still organizes the metropolitan space, but some differences could be pointed, as the article explains.*

**KEY-WORDS:** Inequalities, space organization, Metropolitan Region of São Paulo

### **RESUMEN**

*Este artículo presenta los resultados de una investigación de Observatório das Metrôpoles de São Paulo sobre los estándares de apropiación y segregación socio espacial en la metrópolis paulistana de 1999 a 2010. A partir de la metodología desarrollada por la red Observatório das Metrôpoles es discutida la tesis del surgimiento de un estándar de urbanización involucrado a la reestructuración productiva en nivel*



*mundial, que habría provocado una dualización social, aumentando la pobreza urbana y los contornos de la segregación espacial. Se observó que la estructura socio-ocupacional mantuvo su diversidad a lo largo de las últimas dos décadas estudiadas, pero enseñó un fuerte incremento de los trabajadores terciarios, gran aumento de profesionales con nivel superior, la disminución de la plantilla en las oficinas, la pérdida de líderes, la pérdida de obreros en las industrias modernas y tradicionales, aumentos de obreros en los denominados servicios auxiliares y del terciario no especializado. Estos cambios en la estructura social fueron seguidos por algunas alteraciones en el modelo socio-espacial y, aunque la impresión general es que el antiguo estándar "mancha de aceite" sigue siendo dominante, las clases más altas siguen ubicadas en las zonas centrales, rodeado jerárquicamente por la clase media, obreros y por último los populares y trabajadores agrícolas. Rechaza así el surgimiento de un nuevo estándar de urbanización. El modelo histórico centro-periferia aún organiza el área metropolitana, aunque algunas diferencias se pueden identificar, como explica el artículo.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Desigualdad, organización territorial, Región Metropolitana de São Paulo*

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura relacionar a evolução da estrutura social da metrópole paulista entre os anos 1980 e 2010 a mudanças observadas na estrutura socioespacial. Estaria ocorrendo um aumento da segregação espacial? Haveria um “novo padrão de urbanização”, resultante da reestruturação produtiva em nível mundial e nacional? Um dos objetivos deste capítulo é o de refletir sobre um possível “novo padrão de urbanização”, resultante da reestruturação produtiva que ocorreu em âmbito global. Esta reestruturação produtiva teria dualizado com maior intensidade a estrutura social, além de aumentar a precariedade das relações de trabalho, aumentar a pobreza urbana e a segregação espacial, alterando a aparência desta segregação.

As transformações econômicas, produzidas sob o efeito combinado da reestruturação e das novas tecnologias de comunicação, provocaram mudanças significativas no mercado de trabalho. Esta tendência, já descrita, resultaria numa estrutura de trabalho tipo ampulheta, com redução de renda nos setores intermediários. Sassen (1991) relaciona esta tendência a uma demanda crescente por pessoal altamente qualificado, com remuneração elevada, ao mesmo tempo em que aumenta a procura por serviços complementares como limpeza, segurança, manutenção, expandindo a demanda por empregos pouco qualificados, com baixos salários.

A tendência ao aprofundamento da polarização social nas grandes cidades teria originado a *cidade dual* (Mollenkopf e Castells, 1991) e a *cidade fractal* (Soja, 2000); e este autor generaliza “para as pós- metrópoles a emergência de novas metropolaridades, desigualdades e marginalizações étnica e racial, em meio a uma extraordinária riqueza” (De Mattos, 2005:349). Esta tese não é unânime: Preteceille e Ribeiro (1999), comparando a evolução de indicadores para o Rio de Janeiro e Paris, não encontraram, nestas cidades, aumento de polarização social, assim como Leal Maldonado (2000) para Madri e Hamnett (1994) para Ramstad, na Holanda.

Aceitando-se a hipótese que novas tecnologias geram segmentação no mercado de trabalho, seria lógico prever que a modernização produtiva intensificasse a tendência à maior polarização social e a uma cidade mais polarizada. O que se tem percebido é uma tendência acentuada à expansão territorial metropolitana, com um tipo de configuração suburbanizada, de limites difusos e estrutura policêntrica.

Para as grandes metrópoles latino-americanas, a tendência à dispersão urbana constituiu o que muitos autores chamam de “cidade-região”. Carlos de Mattos comenta que, se a cidade compacta europeia era a referência dominante até o século XX, agora o modelo parece ser Los Angeles. “A imagem de mancha de óleo perde pertinência para descrever o fenômeno urbano, ao passo que a imagem de um arquipélago urbano parece ser mais adequada” ( De MATTOS, 2005:351)

**A tese central do presente estudo sobre São Paulo seria que o nosso histórico modelo núcleo-periferia, caracterizado pela distância geográfica e social entre as classes, ainda organiza o espaço metropolitano em expansão, em que pese o surgimento de novas configurações espaciais, como por exemplo, condomínios fechados e favelas, além da redistribuição de unidades produtivas e centros de compra pelo tecido metropolitano.**

O padrão de organização do território, expresso pelo modelo núcleo–periferia, com a metrópole paulista crescendo como mancha de óleo era o dominante até os anos 70, resultante de um modelo de crescimento da produção de bens duráveis, a chamada substituição de importações, para o qual foram necessárias a mobilização de força de trabalho e a concentração de um vasto exército industrial de reserva. Nesse contexto, ocorreu o assentamento de um enorme contingente de migrantes, que não foi acompanhado por políticas de provisão de infraestrutura e moradia, fazendo com que os despossuídos se alocassem nos segmentos espaciais pouco infraestruturados, deixando os núcleos urbanos, bem providos, para camadas mais abastadas.

A partir dos anos 70 iniciou-se um processo de desconcentração industrial na direção do interior do Estado, mas que não diminuiu o peso da Região Metropolitana, pois foi acompanhada pela maior complexidade do setor de serviços (CANO, 2007). A década de 80 foi marcada por grave crise econômica, aceleração inflacionária e desemprego. As taxas de crescimento da capital metropolitana caíram e o núcleo central se terceirizou. O crescimento de São Paulo desacelerou, inibindo também o crescimento espacial periférico. O modelo núcleo–periferia ainda se manteve responsável pela estruturação sócio-espacial, mas o crescimento das favelas no período 1980-1991 foi notável. Assim, a pobreza alocou-se não apenas na chamada periferia, mas também, e de forma crescente, nos terrenos invadidos em áreas mais centrais. Na década de 90, a abertura econômica, aliada à reestruturação produtiva em nível mundial, provocou grandes alterações no mundo do trabalho: formas flexíveis de produção, juntamente com o maior emprego de tecnologia e a terceirização crescente do trabalho, conduziram ao menor uso da força de trabalho na indústria, a uma perda do poder dos sindicatos e a um aumento do subemprego e do desemprego. De outro lado, políticas voltadas à construção de infraestrutura sanitária e de energia em São Paulo e no Brasil como um todo, tornaram a periferia e mesmo a favela, através das políticas crescentes de urbanização, territórios menos desprovidos.

No início deste século, mudanças verificadas na economia brasileira tiveram consequências na redução da desigualdade de renda e na maior formalização das relações de trabalho. Isto estaria se refletindo na estrutura social da metrópole e na estrutura socioespacial? De que maneira?

- A questão básica, conforme colocam Marcuse e van Kempem (2000:2) é se há algo distinto no padrão espacial das cidades atuais que as diferenciam das cidades de ontem .Nesse sentido, "o que seria novo nas cidades, e particularmente na estrutura intra- urbana?"

- Em relação à estrutura social, quais têm sido as transformações nas últimas décadas?
- Qual é a relação entre as transformações na estrutura social e as alterações no padrão de diferenciação espacial no espaço intra-metropolitano de São Paulo?

## 2 ESTRUTURA SOCIAL NA METRÓPOLE DE SÃO PAULO, 1980-2010

Com base nessas questões e pretendendo verificar a procedência ou não das teses da *global city* na realidade brasileira, foi elaborada uma hierarquia sócio-ocupacional com a construção de um conjunto de categorias, a partir das variáveis censitárias de ocupação, segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), criada de acordo com as diretrizes da Classificação Internacional Uniforme de Ocupações (CIUO) da Organização Internacional do Trabalho (OIT). Os dados censitários são os únicos disponíveis, no Brasil, com capacidade simultânea de comparabilidade no tempo e no espaço, contemplando dados do mundo do trabalho. Como ponto de referência, foi utilizado o sistema de classificação das profissões na França, adotado pelo Institut National d'Économie et Statistique (INSEE), e o primeiro trabalho comparativo realizado foi entre Paris e Rio de Janeiro (PRETECEILLE, RIBEIRO, 1998).

As categorias socio-ocupacionais, através das quais é possível captar a segmentação social nas metrópoles brasileiras, foram construídas a partir de alguns princípios gerais que se contrapõem e que estão na base da organização da sociedade capitalista, tais como: capital e trabalho, grande e pequeno capital, assalariamento e trabalho autônomo, trabalho manual *versus* não manual e atividades de controle e de execução. Também foi levada em consideração a diferenciação entre setores da produção, como o Secundário e o Terciário e, finalmente, entre os ocupados no Setor Secundário, foi feita uma distinção a partir da inserção dos trabalhadores nos segmentos modernos ou tradicionais da indústria (RIBEIRO, LAGO, 2000).” (MAMMARELLA, R. 2007: 157).

Entre 1991 e 2000 o Censo modificou sua forma de definir tanto o desemprego, como o tipo de ocupação, o que dificultou a comparação entre 1980, 1991 e 2000. Em 1991, o período de referência para a verificação do estado de emprego era de 12 meses, assim como em 1980. E a condição de ocupação referia-se a três possíveis estados: se trabalho habitualmente ou eventualmente neste período de referência, ou se não trabalhou. No ano 2000, o período de referência foi de uma semana e a questão foi mais detalhada: perguntava-se se o entrevistado trabalhou em atividade remunerada ou não; em caso de resposta negativa, se estava temporariamente afastado, se exerceu atividade não remunerada ou se, no período de 1 mês na data anterior ao Censo, tomou alguma providência para conseguir trabalho. Assim, as cifras de ocupados entre os anos 1980, 1991, 2000 e 2010 não são comparáveis: a adoção do período de uma semana, em lugar de 12 meses, pode induzir a uma ampliação da magnitude do desemprego. De outro lado, atividades domiciliares como ajuda a outro, trabalho para o auto consumo, etc., reduzem o desemprego, pois passam a ser computadas.

Em 2000, modificou-se também a forma de classificar as ocupações, através da utilização da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações) e da CNAE (Classificação Nacional de Atividade Econômica). Na pesquisa, foi feito um ajuste da classificação ocupacional de 1991 com a metodologia censitária de 2000, o que possibilitou a comparação entre estas duas datas. Para 1980, entretanto, isso não foi feito. Assim, qualquer comparação que envolva os 20 últimos anos do século XX só poderá ser feita através de grandes grupos, e o percentual de população ocupada em relação à total entre estas 3 datas não é passível de comparação. De outro lado,

em 2010 novamente o IBGE introduziu mudanças, desta vez conservando o conceito de desemprego de 2000, mas alterando algumas classificações: por exemplo, a categoria grande empregador, que até 2000 agregava empregadores com 10 e mais empregados, passou a agregar empresários com 5 e mais empregados, modificando de foram acentuada o perfil dos chamados dirigentes. Por isso, a análise da evolução das categorias sócio-ocupacionais apresenta alguns problemas:

- Entre 1980 e 1991, utilizou-se a condição de ocupação em relação há 12 meses;
- Entre 1991 e 2000, conseguiu-se construir categorias socio-ocupacionais para 1991 (na tabela denominado 1991') compatíveis, mas deve ser lembrado que o número absoluto de ocupados em 1991 não foi, rigorosamente, obtido de forma semelhante ao de 2000. Mesmo assim optou-se por analisar a evolução, apesar das ressalvas. A análise relativa dos percentuais pode elucidar essa evolução;
- Entre 2000 e 2010, pode-se “corrigir” as categorias socio-ocupacionais de 2000 pelo padrão de 2010. Houve total coincidência em relação aos trabalhadores do terciário não especializado (16,16% do total de ocupados), aos trabalhadores do secundário (24,01% do total de ocupados), pequenas diferenças entre os trabalhadores do terciário (19,34% antes da correção 2010 e 18,75% após), e entre as ocupações médias (27,05% e 29,97%, respectivamente). As maiores diferenças ocorreram nas categorias superiores, que antes da correção para 2010 representavam 11,85% do total de ocupados, e após 12,69%, devido sobretudo aos grandes empregadores, antes 1,35% do total e, após a correção para 2010, 2,79% do total de ocupados. Na tabela 2 a distribuição de 2000 com a sintaxe de 2010 são denominadas 2000'.

Tabela 1: Evolução das categorias socio-ocupacionais, 1980 a 2010. Em porcentagem.

categorias socioocupacionais	década de 1980		década de 1990		década de 2000	
	1980	1991	1991'	2000	2000'	2010
dirigentes	1,25	1,82	2,16	1,37	2,79	1,79
profissionais de nível superior	4,65	6,47	5,54	7,83	7,82	12,64
pequenos empregadores	2,56	3,76	3,14	2,65	2,08	1,31
<b>CATEGORIAS SUPERIORES</b>	<b>8,46</b>	<b>12,05</b>	<b>10,84</b>	<b>11,85</b>	<b>12,69</b>	<b>15,74</b>
<b>CATEGORIAS MÉDIAS</b>	<b>36,36</b>	<b>40,45</b>	<b>32,03</b>	<b>28,15</b>	<b>29,97</b>	<b>28,51</b>
trabalhadores do terciário	15,13	15,86	15,19	19,34	18,75	19,06
trabalhadores do secundário	31,32	24,35	27,35	24,01	24,01	21,68
trabalhadores terciário não especializado	13,02	12,61	13,17	16,16	16,16	15,72
<b>CATEGORIAS POPULARES</b>	<b>59,47</b>	<b>52,82</b>	<b>55,71</b>	<b>59,51</b>	<b>58,92</b>	<b>56,46</b>
ocupações agrícolas	0,81	1,03	0,87	0,50	0,50	0,61
<b>total</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Censos de 1980, 1991, 2000 e 2010; ajustes do Observatório das Metrôpoles.

Em síntese, verificam-se as seguintes tendências, para o período 1980-1991:

- a) aumento dos profissionais de nível superior, das camadas médias, dos pequenos empregadores e dos trabalhadores do terciário;
- b) diminuição dos trabalhadores do secundário;

c) manutenção dos dirigentes e dos trabalhadores do terciário não especializado.

Entre 1991 e 2000, uma análise apenas baseada num grande diferencial de proporção (aumento ou diminuição de 20%, buscando contornar o número de ocupados definido de forma distinta nas duas datas), na coluna referente à década de 90, continua mostrando que os profissionais do nível superior foram os responsáveis pelo aumento relativo da década para este conjunto. De outro lado, os chamados dirigentes tiveram forte perda relativa, de mais de 20%. Esta perda deve-se à perda dos grandes empregadores (nesta estatística, aqueles com mais de 10 empregados). Sua redução em números absolutos foi de quase 36 mil pessoas, num total de 90 mil, ou seja, uma redução de praticamente 40%. Quanto às camadas médias, elas representavam 32% dos ocupados em 1991 e em 2000 passaram a representar 28,15%. Sua maior alteração deveu-se à diminuição, de mais de 20%, dos empregados de escritório. Já no “mundo popular”, foram os prestadores de serviços especializados e não especializados os principais responsáveis pelo aumento relativo de mais de 20%. Os trabalhadores do secundário continuaram a mostrar perda relativa. Sintetizando, a metrópole paulista se terceirizou, perdendo atividades industriais, o que já era visível na década de 80. As atividades ligadas a serviços se ampliaram, tanto especializados, como, em menor grau, não especializados. Houve perda no topo da pirâmide, com diminuição de dirigentes, e forte aumento de profissionais de nível superior. A enorme expansão das universidades privadas, verdadeiras fábricas de diplomas, explicam o aumento dos profissionais de nível superior. A desconcentração das atividades produtivas fez com que a diminuição dos trabalhadores do secundário se acentuasse. O aumento da pobreza metropolitana explica, por sua vez, o aumento de prestadores de serviços não especializados. O aumento de importações causado pela abertura econômica desorganiza ainda mais a base industrial paulista, pouco preparada para a concorrência internacional.

Na primeira década do século XXI, a proporção de dirigentes diminuiu quase 40%, mesmo considerando “grande empregador” o empresário com 5 ou mais empregados. Migração de dirigentes? Fusão de empresas? O percentual de profissionais de nível superior continua a crescer, com aumento de quase 5 pontos percentuais. As instituições de ensino superior continuam a ser bons negócios, com clientela em parte financiada pelo governo, através do Prouni e de outros Programas de financiamento educacional. O percentual de categorias médias se mantém, os trabalhadores do secundário continuam a diminuir (2,4 pontos percentuais). Houve também aumento do emprego formal e certa redução dos trabalhadores do terciário não especializado.

Sintetizando as informações para as três décadas, percebe-se que ocorreram mudanças na estrutura socio-ocupacional da metrópole: ela mantém basicamente, a sua diversidade, apresentado porém:

- **Terceirização**, com forte incremento dos trabalhadores do terciário especializado;
- **Profissionalização**, com forte aumento de profissionais de nível superior
- Perda de ocupações de escritório;
- Ganho dos operários dos serviços auxiliares, e perda dos trabalhadores da indústria moderna e tradicional; verificando-se uma **desproletarização relativa**;

- **Perda dos dirigentes**, principalmente dos grandes empregadores, sobretudo a partir da década de 90.

### 3 A SEGMENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO EM SÃO PAULO

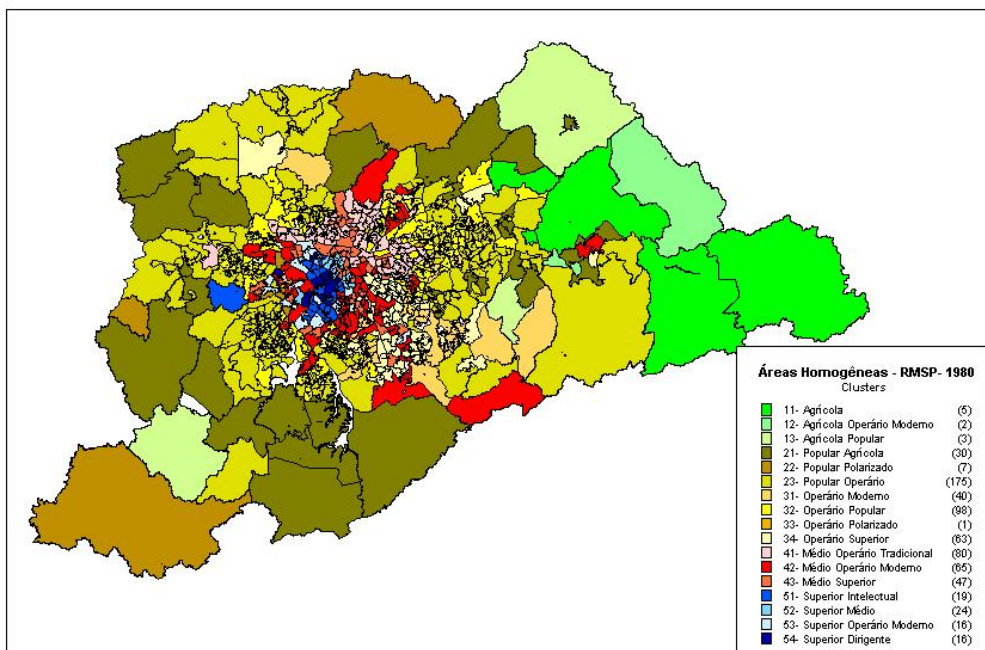
#### 3.1 A SEGMENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO INTRA-METROPOLITANO DE SÃO PAULO NOS ANOS 80

Um dos objetivos do presente trabalho é o de examinar a relação entre as tendências expostas acima e as alterações no padrão de segmentação social do espaço intra-metropolitano, entre os anos 1980 e 2010. Para isso a tipologia social, já explicada no item anterior, foi analisada no espaço metropolitano a partir de segmentos espaciais passíveis de análise em cada década.

Assim, na década de 1980 estavam disponíveis informações a partir dos setores censitários. Estes setores foram agrupados, através de uma análise fatorial, em 691 áreas homogêneas, reunidas, por sua vez, em 4 grandes tipos de áreas, a saber:

- áreas agrícola-populares;
- áreas populares-operárias;
- áreas médias;
- áreas superiores.

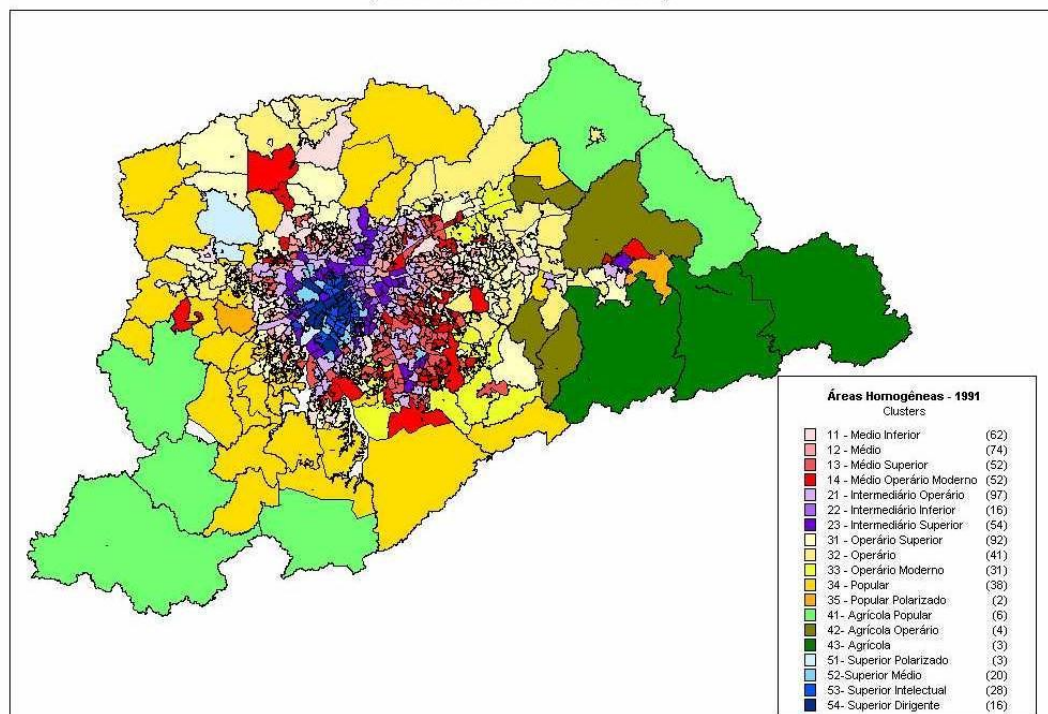
MAPEAMENTO DA ÁREAS HOMOGÊNEAS - RMSP - 1980  
 (SEM FAVELAS - 5 CLUSTERS)



Fonte: Censos Demográfico de 1980 e 1991. Elaboração do Observatório das Metrôpoles- São Paulo



**MAPEAMENTO DAS ÁREAS HOMOGÊNEAS - RMSP - 1991  
 (SEM FAVELAS - 5 CLUSTERS)**



Fonte: Censos Demográfico de 1980 e 1991. Elaboração do Observatório das Metrôpoles- São Paulo

Pode-se afirmar que a redistribuição da população na região metropolitana de São Paulo parece ocorrer de duas formas: uma de caráter bipolar em direção às áreas populares e às áreas superiores. Outra, mais redistributiva, ocorre sobretudo no que diz respeito às camadas médias, que apresentam tendência à dispersão em direção, principalmente, às áreas médias e às áreas operário-populares. No que se refere à estrutura social, a hipótese da dualização parece não se sustentar: ocorre um aumento das categorias médias, sem que se observe o correspondente aumento relativo, seja das elites, seja da base da pirâmide social.

### 3.2 A SEGMENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO INTRA-METROPOLITANO DE SÃO PAULO NOS ANOS 90

Dando continuidade à análise espacial, a intenção foi de examinar a relação entre as tendências expostas acima e as alterações no padrão de segmentação social do espaço intra-metropolitano, nos anos 1990.

Os dados do Censo 2000 não foram fornecidos por setor censitário, dificultando a comparação com a tipologia socioespacial da década anterior. As informações sobre a ocupação, variável básica para a classificação social, e que constavam do formulário da amostra em 2000, se apresentavam agora pela unidade espacial mínima AED (área de expansão demográfica, que agrupava no mínimo 400 ocupados). Refez-se a grade espacial de 1991 procurando agregar os antigos setores censitários nestas áreas de expansão demográfica, para facilitar a comparação 1991-2000. Assim, a partir de 812 AEDs, foi feita uma análise fatorial por correspondência binária, seguida de classificação hierárquica dos conglomerados resultantes, a partir das

categorias sócio ocupacionais. Nesta análise fatorial conseguiu-se agrupar as áreas homogêneas em conglomerados de áreas com predominância das mesmas categorias sócioocupacionais, resultando numa tipologia de áreas. Pode-se, desta forma, identificar os princípios pelos quais o espaço social de São Paulo se divide, ou seja, 11 tipos de áreas em 1991 e 12 em 2000. Cada tipo reúne um conjunto de áreas que são consideradas como socialmente homogêneas. Para este trabalho, optou-se pela reunião dos distintos tipos em grandes “mundos”, a saber:

- Áreas superiores
- Áreas médias
- Áreas operárias
- Áreas populares
- Áreas agrícolas

Quadro 1: População ocupada e áreas de expansão demográfica, 1991 e 2000.

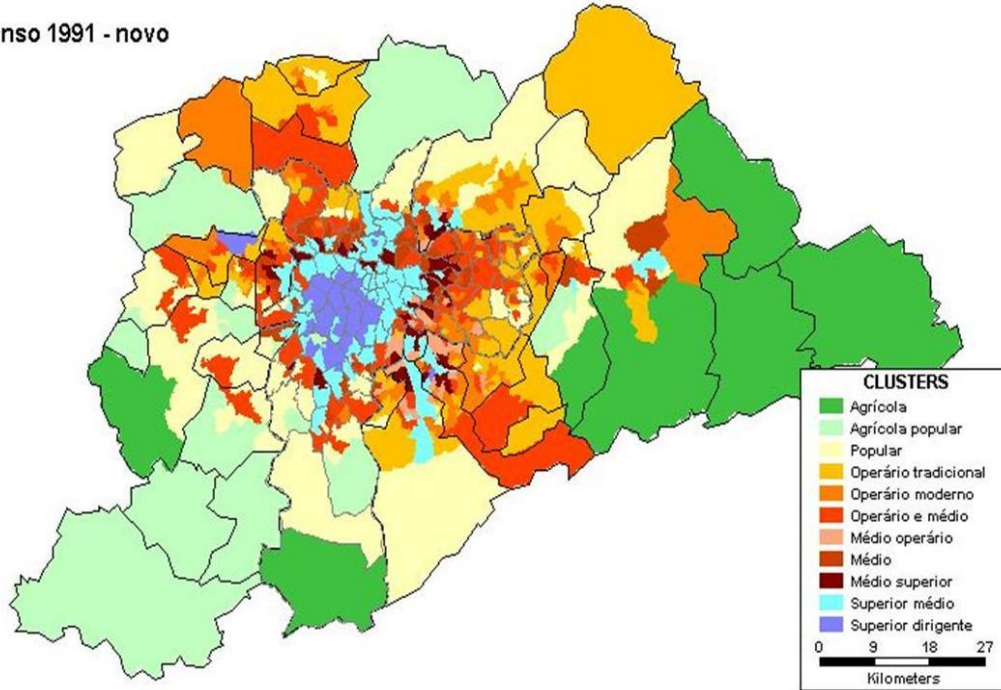
Áreas	1991		2000	
	<i>AEDs</i>	<i>Pop ocupados</i>	AEDs	Pop ocupados
Superior	<b>183</b>	<b>1.641.568</b>	<b>167</b>	<b>1.455.065</b>
Média	<b>212</b>	<b>1.742.559</b>	<b>251</b>	<b>2.250.812</b>
Operária	<b>283</b>	<b>1.716.643</b>	<b>242</b>	<b>2.013.311</b>
Popular	<b>111</b>	<b>669.046</b>	<b>136</b>	<b>1.271.396</b>
Agrícola	<b>23</b>	<b>117.390</b>	<b>16</b>	<b>123.674</b>
<b>Total</b>	<b>812</b>	<b>5.877.206</b>	<b>812</b>	<b>7.114.258</b>

Fonte: Observatório das Metrópoles, São Paulo

Tipologia sócio-espacial da Região Metropolitana de São Paulo, 1991.

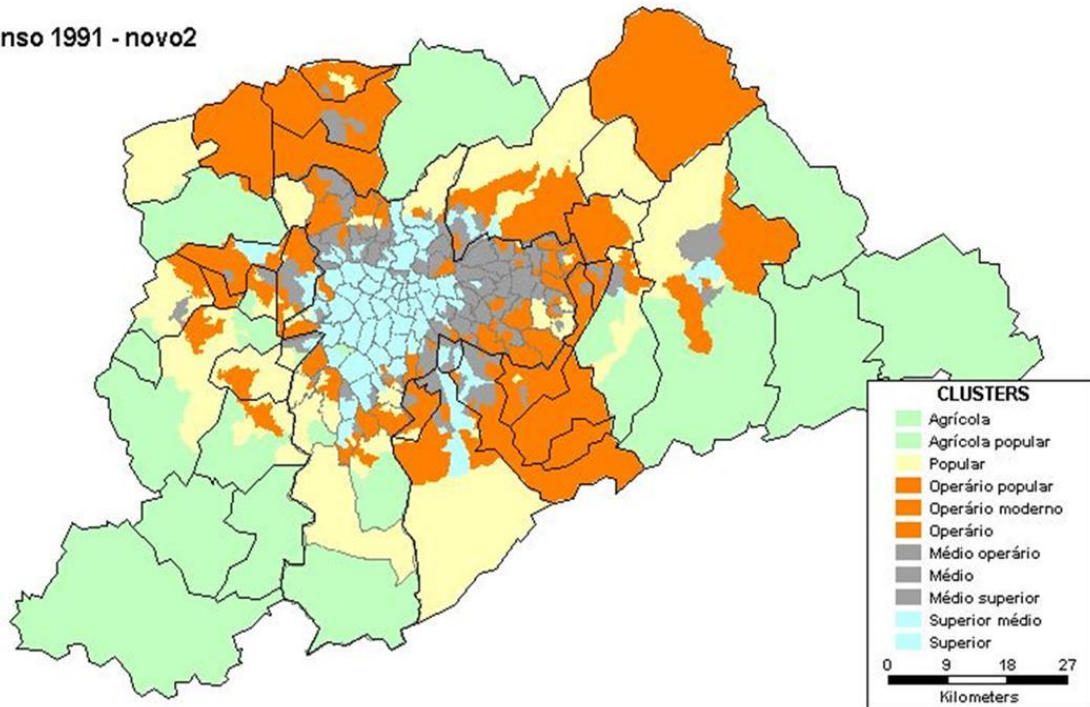
Mapas agrupados por tipos de áreas

Censo 1991 - novo



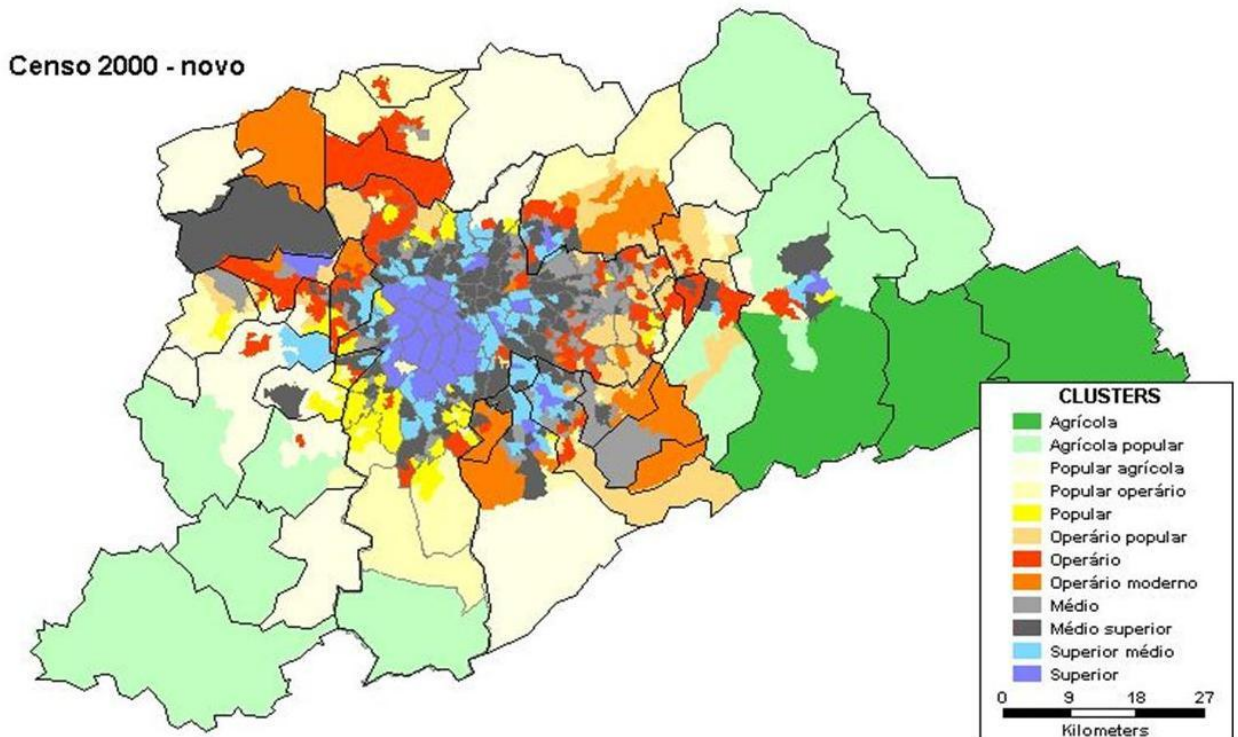
Fonte: Observatório das Metrôpoles- São Paulo

Censo 1991 - novo2



Fonte: Observatório das Metrôpoles – São Paulo

Tipologia sócia espacial da Região Metropolitana de São Paulo, 2000.



Fonte: Observatório das Metrôpoles São Paulo

Os mapas evidenciam uma nítida segmentação social do território metropolitano, uma mancha de perfil superior no centro da metrópole, sobrepondo-se à capital, e conforme nos distanciamos dessa mancha, percebe-se uma hierarquia descendente de tipos sócio-espaciais.

Esta hierarquia é quebrada por alguns “borrões” de tipo superior, na zona oeste da Grande São Paulo, além de uma pequena mancha no leste. As áreas superiores centrais são circundadas por áreas médias, localizadas também predominantemente no município da capital. A expansão das camadas de média e alta renda no eixo oeste faz surgir, além das manchas superiores, grande mancha média a oeste. E, no eixo leste, onde há “borrão” superior, configura-se, ao lado, um “borrão” médio, expressando um padrão espacial, pelo qual ao lado de áreas superiores geralmente instala-se uma área média.

A impressão geral da tipologia sócio-espacial de São Paulo corresponde ainda a um padrão “mancha de óleo”, onde os tipos superiores ainda se localizam em áreas mais centrais, circundados por tipos hierarquicamente inferiores: primeiramente os médios, depois os operários, e por fim os populares e agrícolas. As áreas do tipo médio em 2000 (251 áreas, com 2,25 milhões de residentes) foram as mais numerosas, embora não com a maior dimensão territorial. Em 1991, o tipo com maior número de áreas era o tipo operário, com 283 áreas.

dentro delas, embora em 1991 esta heterogeneidade fosse ainda um pouco maior (24% de categorias superiores, 38% de ocupações médias e 38% de trabalhadores manuais). Percebe-se

As áreas superiores sofreram um processo de “*elitização relativa*”. Chama-se “*elitização*” a combinação de elevado aumento relativo de categorias superiores, aliado a uma perda considerável de trabalhadores manuais. E é “*relativa*” porque houve perda no topo da pirâmide, ou seja, perda de grandes empregadores e dirigentes do setor privado.

Nas áreas médias a maior concentração ainda se encontra entre as ocupações médias, mas menos intensa que em 1991. Estas áreas também acusam um incremento grande dos profissionais de nível superior e uma nítida “terciarização”, com forte aumento dos prestadores de serviços especializados. A diminuição dos trabalhadores do secundário é provocada pela presença menor dos operários da indústria tradicional e da indústria moderna, apesar do aumento relativo dos operários de serviços auxiliares. E, nestas áreas, há também um aumento relativo dos trabalhadores do terciário não especializado, causado principalmente pelo aumento relativo dos domésticos e dos ambulantes. Resumindo, os espaços médios apresentam: *terciarização, profissionalização, desproletarização e popularização. São espaços que estão reunindo inúmeras tendências, o que torna importante um estudo mais detalhado das distintas tipologias que o integram.*

Os espaços operários mostraram certa profissionalização, além de ganho entre os trabalhadores do terciário. Verificou-se também forte popularização, dado o aumento relativo de trabalhadores do terciário não especializado. *São espaços que se popularizaram.*

Os espaços populares, como todos os outros, também mostram perda dos dirigentes e ganho dos profissionais de nível superior, mas a concentração destas categorias nestes espaços é pequena. Percebe-se nos espaços populares aumento relativo de algumas ocupações médias, como ocupações ligadas à saúde e educação, segurança pública, justiça e correios, assim como aumento relativo dos trabalhadores do terciário. De outro lado, há perda relativa dos operários das indústrias moderna e tradicional, e ganho entre ambulantes e biscateiros. *São espaços que também se misturaram, com pequena entrada de algumas ocupações médias, forte terciarização, desproletarização e popularização relativa.*

Os espaços agrícolas apresentam indícios de proletarização, com o aumento relativo de operários dos serviços auxiliares, além de popularização, com aumento relativo de ambulantes e biscateiros. São áreas que *se proletarizaram e popularizaram.*

Assim, as transformações sócio-ocupacionais da década: perda de dirigentes, forte terciarização, profissionalização, relativa diminuição de ocupações médias com perda acentuada de ocupações de escritório, desproletarização relativa, com perda de operários das indústrias moderna e tradicional e ganho de operários dos serviços auxiliares, popularização, com ganho relativo de trabalhadores do terciário não especializado rebateram - se no espaço de forma diferenciada.

### **3.3 A SEGMENTAÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO INTRA-METROPOLITANO DE SÃO PAULO NOS ANOS 2000**

Em 2010 novamente a unidade espacial através da qual o IBGE fornecia dados sobre ocupação modificou-se, impossibilitando a comparação com as AEDS de 2000. Optou-se, assim, pela utilização dos distritos, que são os mesmos em 2000 e 2010. A análise fatorial de 2000 foi refeita, assim como seu rebatimento espacial nos distritos da região metropolitana de São Paulo. Os distritos em 2010 são 164, com correspondentes em 2000.

Pode-se, desta forma, identificar os princípios pelos quais o espaço social de São Paulo se divide, ou seja, 7 tipos de áreas em 2000 e em 2010. Cada tipo reúne um conjunto de áreas que são consideradas como socialmente homogêneas, a saber:

- Áreas superiores
- Áreas médias

- Áreas operárias médias
- Áreas operárias populares
- Áreas populares operárias
- Áreas populares agrícolas
- Áreas agrícolas

A tabela 3 mostra as densidades relativas de cada categoria socio-ocupacional em 2000 e 2010. Observa-se que as distribuições são semelhantes nas duas datas, o que garante que os nomes dados às diferentes tipologias nos dois anos se refiram à mesma coisa, ou seja, o que chamamos superior em 2000 seria também superior em 2010, respeitadas as diferenças dos valores das densidades. As distribuições são paralelas e com valores equivalentes.

Tabela 3- Densidades relativas por tipos de áreas, 2000 e 2010.

Categorias socioocupacionais	superior		médio		operário médio		operário popular		popular operário		popular agrícola		agrícola	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
	12 áreas	22 áreas	34 áreas	22 áreas	47 áreas	45 áreas	36 áreas	39 áreas	10 áreas	17 áreas	10 áreas	7 áreas	2 áreas	2 áreas
	cluster 6	cluster 4	cluster 5	cluster 3.2	cluster 1	1.2+3.1	cluster 2.1	cluster 1.1	cluster 2.2	cluster 2	cluster 3	cluster 5	cluster 4	cluster 6
grandes empregadores	4,80	4,07	2,13	1,57	0,78	0,75	0,25	0,21	0,18	0,77	0,76	0,85	0,57	0,23
dirigentes públicos	1,93	3,62	1,26	1,06	1,01	0,81	0,74	0,44	0,35	0,84	0,72	0,95	1,09	1,43
dirigentes privados	5,86	5,86	2,34	1,42	0,72	0,53	0,12	0,09	0,10	0,85	0,24	0,38	0,10	0,00
profissionais autônomos de nível superior	5,07	4,55	2,16	1,46	0,77	0,69	0,23	0,20	0,16	0,65	0,53	0,72	0,40	0,32
profissionais empregados de nível superior	3,61	2,89	1,99	1,70	0,87	0,92	0,36	0,39	0,31	0,51	0,34	0,29	0,15	0,13
professores estatutários de nível superior	4,04	3,86	1,86	1,66	0,83	0,73	0,48	0,30	0,22	0,67	0,29	0,60	0,43	0,46
professores de nível superior	2,54	1,93	1,62	1,34	0,95	0,97	0,53	0,60	0,39	1,12	0,73	0,88	0,59	0,85
profissionais de nível superior	3,74	2,93	1,90	1,62	0,86	0,89	0,38	0,40	0,34	0,67	0,47	0,43	0,30	0,32
pequenos empregadores	2,81	2,89	1,89	1,63	0,91	0,86	0,43	0,36	0,37	0,99	0,82	1,20	0,69	1,12
artesãos e artistas	2,77	2,28	1,52	1,36	0,89	0,87	0,70	0,69	0,60	0,78	0,56	0,84	1,00	0,67
ocupações de escritório	0,80	0,69	1,16	1,13	1,07	1,12	0,82	0,94	0,73	0,82	0,47	0,55	0,33	0,55
ocupações de supervisão	1,31	1,66	1,36	1,38	1,02	1,06	0,72	0,65	0,70	0,75	0,69	0,56	0,62	0,39
ocupações técnicas	1,27	1,26	1,33	1,39	1,05	1,11	0,69	0,72	0,53	0,69	0,54	0,46	0,35	0,34
ocupações médias de saúde e educação	0,76	0,78	0,97	1,02	1,04	1,06	0,98	0,99	0,89	0,97	0,78	0,73	0,81	0,72
ocupações de segurança pública, justiça e correios	1,05	1,33	1,12	1,24	1,05	1,10	0,85	0,71	0,59	0,88	0,77	0,71	0,58	0,81
ocupações médias	1,24	1,17	1,32	1,17	1,02	1,04	0,77	0,79	0,67	0,81	0,62	0,60	0,51	0,54
trabalhadores do comércio	0,54	0,54	0,95	0,98	1,04	1,05	1,01	1,08	1,03	1,01	0,81	0,96	0,77	0,99
trabalhadores de serviços especializados	0,53	0,48	0,84	0,82	1,00	0,99	1,17	1,24	1,24	1,04	0,79	0,97	0,65	0,89
trabalhadores do terciário	0,53	0,51	0,89	0,90	1,02	1,02	1,10	1,16	1,14	1,02	0,80	0,97	0,71	0,94
trabalhadores da indústria moderna	0,13	0,17	0,48	0,55	1,04	1,06	1,41	1,52	1,02	1,12	1,09	0,98	0,64	0,72
trabalhadores da indústria tradicional	0,22	0,22	0,67	0,84	1,02	1,05	1,39	1,24	0,84	1,02	1,06	0,93	0,85	0,56
operários de serviços auxiliares	0,13	0,20	0,58	0,65	1,05	1,06	1,28	1,23	1,06	1,29	1,31	1,27	1,08	1,19
operários da construção civil	0,15	0,14	0,46	0,52	0,97	0,93	1,41	1,40	1,85	1,52	1,70	1,76	1,39	1,28
trabalhadores do secundário	0,15	0,18	0,53	0,62	1,02	1,02	1,37	1,30	1,21	1,27	1,30	1,28	0,98	0,99
prestadores de serviços não especializados	0,23	0,36	0,69	0,58	1,00	0,97	1,28	1,40	1,56	1,00	1,05	0,81	0,73	0,65
trabalhadores domésticos	1,00	0,64	0,74	0,71	0,93	0,89	1,13	1,29	1,90	1,24	2,05	1,61	1,52	1,08
ambulantes e bicateleros	0,38	0,36	0,89	0,93	1,02	1,07	1,15	1,14	1,02	0,92	0,97	1,11	0,92	1,54
trabalhadores do terciário não especializado	0,61	0,49	0,76	0,67	0,97	0,94	1,18	1,33	1,58	1,11	1,47	1,21	1,12	0,93
ocupações agrícolas	0,32	0,29	0,28	0,30	0,85	0,47	0,70	0,70	1,60	4,67	15,00	17,92	56,21	42,48
total	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00

Fonte: Censos demográficos de 2000 e 2010.

As tabelas 4 e 5 fornecem o número de distritos e a população por tipos de áreas, enquanto as tabelas 6 e 7 focalizam o tipo de mudança observado em cada tipologia socio-espacial, e por eixo da região metropolitana. Tanto em 2000 como em 2010 a tipologia dominante é a chamada operária popular, que agrega 60 distritos com 7,29 milhões de pessoas, 40,36% da população total em 2000 e 63 distritos, com 9,59 milhões de pessoas, 48,53% da população total em 2010. Não houve mudança da tipologia dominante.

O segundo tipo dominante é o popular operário, com cerca de 60% entre camadas médias, trabalhadores do secundário e do terciário em 2000 e 69% em 2010. A principal diferença entre os dois tipos refere-se à composição dos trabalhadores secundários: enquanto no tipo operário popular a proporção de operários das indústrias moderna e de serviços auxiliares é dominante, na tipologia popular operário são dominantes os operários da construção civil, além do grande percentual de trabalhadores do terciário não especializado.

Tabela 4: Distritos e população por tipo de áreas, 2000 e 2010, Região Metropolitana de São Paulo

RMSP tipologia	2000			2010		
	distritos	população	%	distritos	população	%
superior	12	51.607	0,29%	22	57.592	0,29%
médio	34	290.954	1,63%	22	145.182	0,74%
operário médio	37	679.236	3,81%	25	1.397.170	7,11%
operário popular	60	7.188.713	40,36%	63	9.534.315	48,53%
popular operário	3	6.100.195	34,25%	18	4.171.507	21,23%
popular agrícola	12	2.595.870	14,57%	8	2.654.670	13,51%
agrícola	6	905.702	5,08%	6	1.685.142	8,58%
<b>total</b>	<b>164</b>	<b>17.812.277</b>	<b>100,00%</b>	<b>164</b>	<b>19.645.578</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 5- Mudança, por eixo espacial. Região Metropolitana de São Paulo, 2000 e 2010

eixo	não mudaram		melhora		piora		total	
	NA	%	NA	%	NA	%	NA	%
polo	75	78,13%	16	16,67%	5	5,21%	96	100,00%
Norte	5	62,50%	0	0,00%	3	37,50%	8	100,00%
Leste	16	64,00%	3	12,00%	6	24,00%	25	100,00%
Sudeste	6	50,00%	1	8,33%	5	41,67%	12	100,00%
Sudoeste	9	81,82%	0	0,00%	2	18,18%	11	100,00%
Oeste	12	100,00%	0	0,00%	0	0,00%	12	100,00%
<b>RMSP</b>	<b>123</b>	<b>75,00%</b>	<b>20</b>	<b>12,20%</b>	<b>21</b>	<b>12,80%</b>	<b>164</b>	<b>100,00%</b>

Tabela 6- Detalhamento dos tipos de mudança

resumo das mudanças		
2000	2010	distritos
medio	superior	10
médio	operário médio	2
operário médio	médio	1
operário médio	operário popular	18
operário médio	popular operário	6
popular agrícola	popular operário	4
	<b>total</b>	<b>41</b>

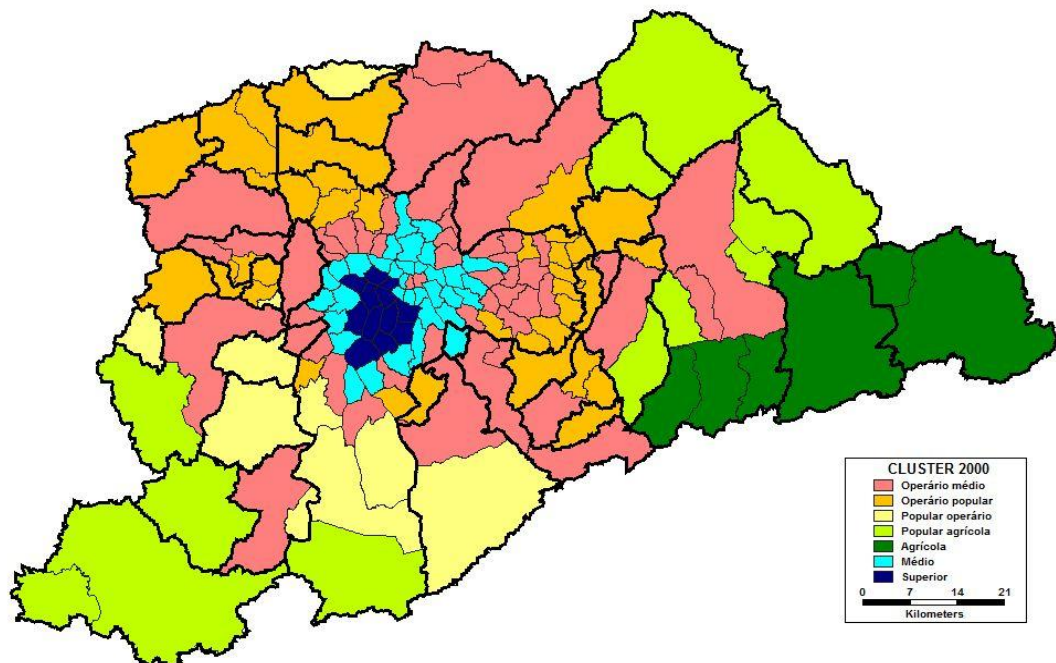
Fonte das Tabelas 4, 5 e 6: Elaboração das autoras, dados primários censos 2000 e 2010

Uma apreciação geral das Tabelas 4,5 e 6 evidenciam:

- Entre os 164 distritos de análise para a metrópole, a tipologia modal se manteve entre 2000 e 2010: tanto em um ano como em outro a predominância, tanto em relação ao numero de distritos, como em relação à população residente, foi do tipo operário popular. Assim, este é o tipo dominante para a metrópole. De outro lado, percebe-se grande aumento de distritos superiores, assim como da sua população residente. Pode-se depreender daí a ocorrência de dois processos: a passagem de áreas médias para áreas superiores e a passagem de áreas operárias médias para operárias populares. Ocorre, assim, um fenômeno dicotômico, com diminuição das áreas médias e aumento dos tipos de áreas nos extremos superior e inferior da configuração sócio-espacial metropolitana.

- Os dois maiores tipos de mudança envolveram a mudança de médio para superior (10 distritos) e de operário médio para operário popular (18 distritos)
- A região apresentou estabilidade, dado que 75% dos distritos conservou a tipologia. Tanto em 2000 como em 2010 o tipo dominante na metrópole foi o operário, com mais de 66% da população vivendo neste tipo de áreas em 2000 e pouco mais de 67% em 2010. A soma da população residente nos tipos médio e superior também praticamente coincide em cerca de 32%. Entre os 41 distritos (25% do total) que mudaram de tipo, 21 desceram na hierarquia e 20 subiram. Assim, de certa forma, as mudanças também foram equilibradas. Nota-se que 16 dos 21 distritos que apresentaram queda na classificação hierárquica situam-se na periferia da metrópole. No município central a melhora na hierarquia é evidente, com 16 distritos com classificação melhor em 2010 que em 2000. No restante da metrópole, a piora também se evidencia claramente.

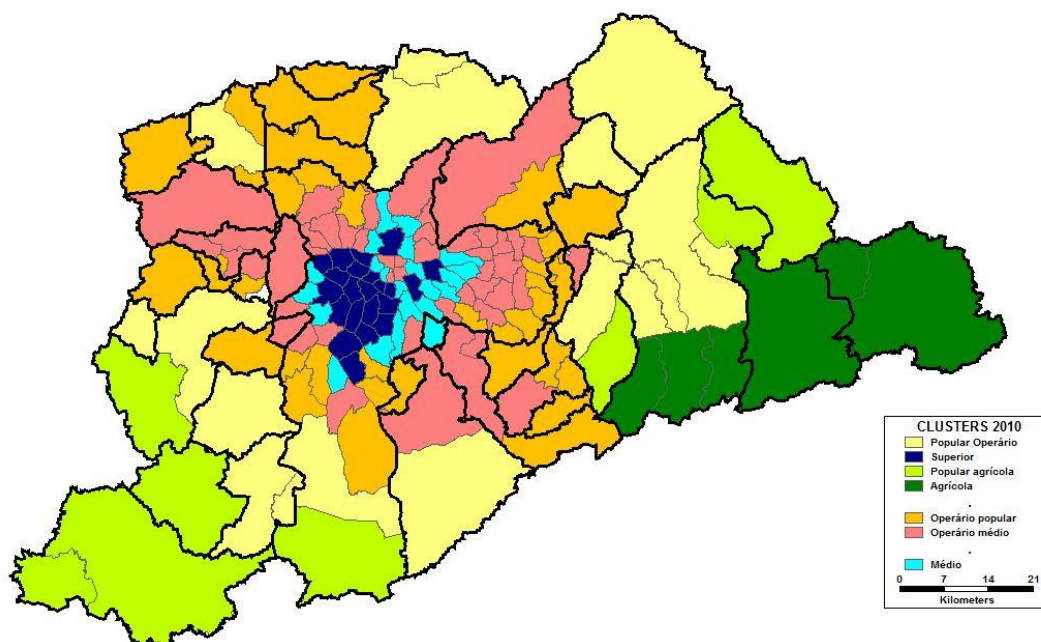
Mapa 1. Região Metropolitana de São Paulo, distribuição das áreas homogêneas por distritos, 2000



Fonte: Observatório das Metrôpoles- São Paulo



Mapa 2. Região Metropolitana de São Paulo, distribuição das áreas homogêneas por distrito, 2000



Fonte: Observatório das Metrôpoles, 2000 e 2010

#### 4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da estrutura social do território metropolitano de São Paulo entre 1980 e 2010, embora com diferentes movimentos por década, aponta resumidamente para cinco grandes tendências:

- Elitização relativa e profissionalização, com aumento dos profissionais de nível superior, mas diminuição dos dirigentes;
- Terciarização, com aumento da proporção de trabalhadores do terciário;
- Diminuição dos trabalhadores do secundário, sobretudo os ligados à indústria de transformação;
- Manutenção relativa das camadas médias;
- Ligeira diminuição do terciário não especializado, sobretudo após 1991.

Esta reorganização da estrutura social reflete as transformações na estrutura produtiva, com salto no padrão de terciarização da metrópole, que não reflete mais sua base industrial. A indústria se locomove para o interior do estado e vai haver retração do peso da metrópole na geração do produto industrial do estado. Conforme Caiado (2002) a Região da Grande São Paulo passa de 26,8% para 25% da produção industrial entre 1985 e 1998, e de 29,2% para 26,0% na indústria de transformação. A Grande São Paulo se terciariza, e políticas de expansão do ensino superior explicam a enorme proporção de profissionais do nível superior no tecido metropolitano. Esta profissionalização, entretanto, nem sempre resulta em salários melhores. A violência urbana, por outro lado, talvez auxilie como fator explicativo para a saída das elites dirigentes, aliada à ida das indústrias para o interior do estado e para outros locais do país.

Esta organização social se expressa no território metropolitano por uma tipologia socioespacial, cabendo indagar: como estes segmentos sociais estão se alocando no espaço? O

modelo núcleo-periferia, com o núcleo concentrando as camadas superiores e a periferia as demais camadas, ainda persiste?

Embora morar na periferia nos anos 2000 seja distinto dos anos 70, já que água, esgoto, energia elétrica e coleta de lixo são praticamente universais na metrópole, o que se percebe na análise das três décadas é que os grupos sociais melhor posicionados na hierarquia social residem, sobretudo, no município polo, enquanto os municípios periféricos são classificados como populares ou operários populares. Além disso, os distritos que melhoraram sua posição estão quase todos no polo, enquanto na periferia, a proporção de distritos que caíram na hierarquia foi grande.

Os espaços da elite se concentram no setor sudoeste do município central, com alguns enclaves nas zonas norte e leste. Mas a mancha de óleo, a grosso modo, ainda persiste como modelo de localização das camadas sociais, na maior região metropolitana do país.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO INFANTE, M. F. *Mapa da estrutura industrial e comercial do Estado de São Paulo*. São Paulo: Revista São Paulo em Perspectiva vol. 13 nº1-2, p. 40-52, Jan- Jun 1999.
- BIDERMAN, C. *Cartografia econômica da metrópole*. In MEYER, R, GRONSTEIN, M. e BIDERMEN, C. São Paulo Metrópole. São Paulo: EDUSP, p. 110-157, 2004
- CANO, W (org.). *Economia Paulista: dinâmica socioeconômica entre 1980 e 2005*. Campinas: Editora Alinea, 2007
- DE MATTOS, C. *Crescimento metropolitano na América Latina*. In CAMPOLINA, C. ET AL (org) Economia e território. Belo Horizonte, Editora da UFMG, pp 341-364(2005
- FERREIRA, J. S. *O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis: Vozes; editora da UNESP/ANPUR, 2007.
- LEAL MALDONADO. *Economia, emprego e desigualdade social em Madri*. In QUEIROZ RIBEIRO, L.C. (org) O futuro das metrópoles: desigualdade e governabilidade Rio de Janeiro: Revan, FASE, pp 177- 204, 2000.
- MARCUSE, P. & VAN KEMPEN, R. *Globalizing Cities. A new spatial order?* Oxford, 2000.
- MOLLENKOFF, J. e CASTELLS, M.. *Dual city*. New York: The Russel Foundation, 1991.
- MOREIRA, A. C. L. et al. *Territórios da globalização em São Paulo*. São Paulo, Relatório enviado à FAPESP, 2007.
- PRETECEILLE, E. e RIBEIRO, L. C. de Q. *Estrutura social e segregação urbana: um estudo comparativo - Rio de Janeiro e Paris*. Caxambu: Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS 27 a 31 de outubro de 1998.
- \_\_\_\_\_. *Tendências da organização social em metrópoles globais e desiguais. Paris e Rio de Janeiro nos anos 90*. Santiago: Revista Eure 70, 1999.
- PRETECEILLE, E. *Division sociale de l'espace et globalization: Le cas de La Metropole Parisienne*. Paris Sociétés Contemporaines, 22, pp 33-68, 1995.
- \_\_\_\_\_. *La division sociale de l'espace francilien. Typologie sócio-professionnelle 1999 et La transformation de l'espace résidentiel 1990-1999*. Paris: Observatoire Sociologique Du Changement FNSP-CNRS, 2003.
- \_\_\_\_\_. *La segregation sociale a-t-elle augmenté?*, Sociétés Contemporaines nº 62, pp 69-93, 2006.
- PRETECEILLE, E. & CARDOSO, A. *Rio de Janeiro y São Paulo: ciudades duales? Comparación com Paris Ciudad Y Territorio*. Estudios Territoriales, XL (158), pp 617-640, 2008.
- RIBEIRO, L. de Q. e LAGO, L. *O espaço social das grandes metrópoles: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte*. In Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais nº 3, nov 200, p11-127, 2000.



SASSEN, S. *The global city: New York, London, Tokyo*. New York: Princeton University Press, 1991.

\_\_\_\_\_ *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

\_\_\_\_\_ *As diferentes especializações das cidades globais*. Portal Vitruvius, 02/02/2009.

Paper apresentado no UrbanAge São Paulo, dezembro de 2008.

SERRAO, R. *Dinâmica econômica intra-urbana e desigualdade sócio –espacial na Região Metropolitana de São Paulo no período 1990-2006*, mimeo, sd, 2008.

SOJA, E. *Postmetropolis. Critical Studies of cities and regions*. Oxford: UK, Blackwell Publishers, 2000.

TORRES, H. e GONÇALVES, R. *O mercado de terras em São Paulo e a continuada expansão da periferia*. Revista brasileira de Estudos Urbanos e Regionais v 9,nº2, pp 9-24, 2007.